



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 30 de Novembro de 1991 • Ano XLVIII — N.º 1245 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Cantinho da Família

Ainda aparecem pais incógnitos como nódoa a sujar a dignidade da criança!

A vinda do Carlos e do Jorge para a nossa Casa, neste fim-de-semana, fez-me pensar neste *Cantinho*. São dois garotos de 10 e 8 anos. O relatório da situação socio-familiar começa por dizer: «Os menores encontram-se em situação de abandono pela mãe». E o pai onde está? «Pai incógnito!»

Durante muitos anos, O GAIATO incomodou toda a gente por causa dos pais incógnitos. Era preciso lutar contra esta chaga social que atingia os filhos inocentes e chamar à pedra os culpados. É assim que manda a justiça.

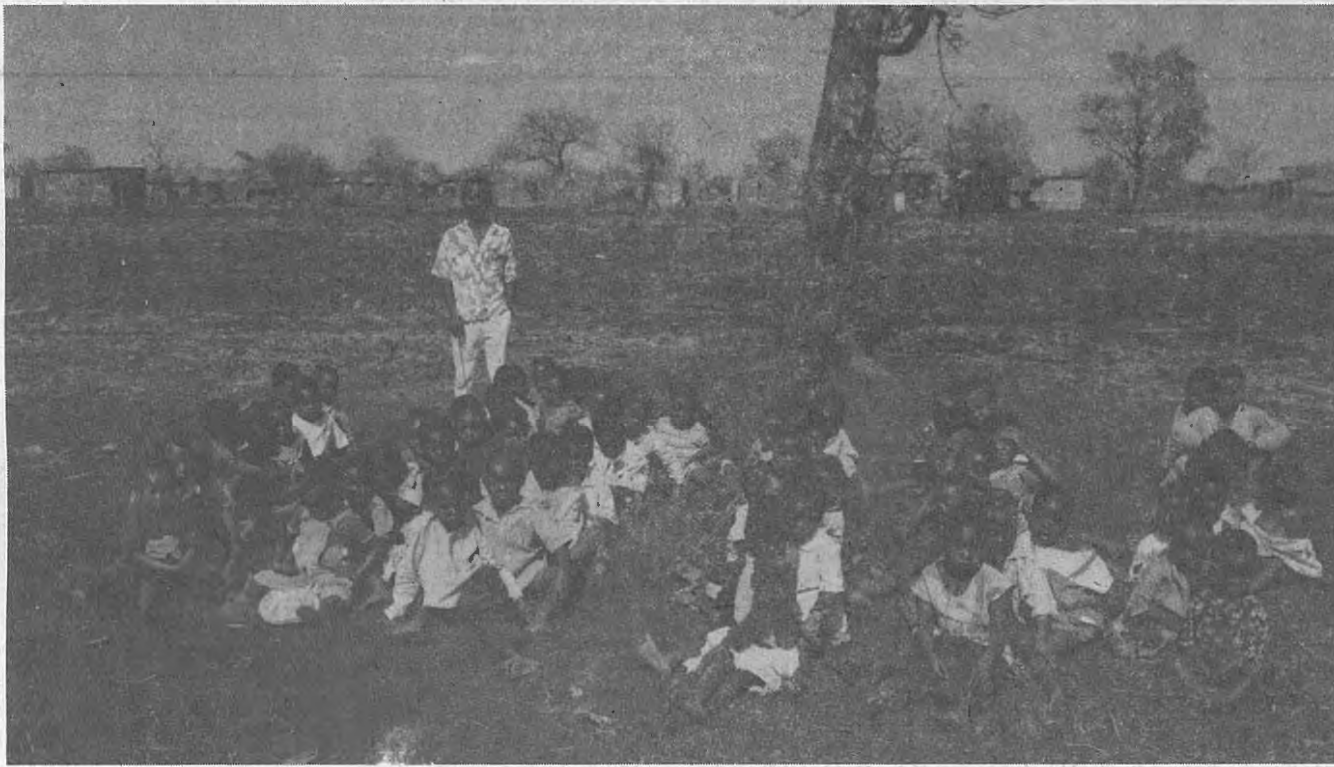
A lei safu «acabando» com os pais incógnitos. No registo do filho devia constar o nome dos progenitores, sob pena de ser instaurado um processo. O problema do abandono dos filhos não ficou resolvido. Mas foi um passo no sentido de chamar à responsabilidade os autores de um acto de tamanha importância. Apesar disso ainda aparecem os pais incógnitos como nódoa a sujar a dignidade da criança com a agravante de ser ferida gravemente pelo abandono subsequente. E tudo se passa em silêncio,

como se não tivesse a categoria do crime que é necessário denunciar com o sentido de prevenir outros mais. Os valores absolutos, como o respeito pela vida e a dignidade das crianças, sujeitam-se às conveniências dos que têm o poder em suas mãos. É desumano!

Na raiz de grande parte dos males que atingem os filhos abandonados está a ausência da família. Faltando esta, abre-se a porta a todas as desgraças.

Na família e nas circunstâncias directamente ligadas à família, como a habita-

Continua na página 3



A Escolhinha e seus professores. Agora, que há leite, passam de cem!

Encontro de antigos gaiatos

Embora nos primeiros dias tenham aparecido alguns antigos gaiatos, só ao longo destes dois meses é que fomos descobrindo mais. Assim, pudemos marcar um encontro. Já sabíamos que, da dúzia que apareceria, alguns nunca mais se viram, desde que a pouco e pouco debandaram, à aventura, da casa para onde compulsivamente foram mandados.

Temos ansiado este encontro para reviver o conhecimento mútuo, matar saudades, ouvir a história de cada um após a nossa separação, saber do agora, de como conseguiram

ultrapassar as dificuldades sozinhos, como hoje estão a caminhar. Já sabemos que alguns querem voltar à família do Gaiato porque não têm outra. Até antigos operários da Casa se oferecem para voltar.

Foi no 1.º Domingo de Novembro que um pequeno número de antigos gaiatos se pôde, enfim, reunir. Veio o Victor, mecânico, o primeiro que nos viu, de novo, nesta terra. O Fernando pequeno, actor e músico que a assinalar

o espírito de ligação com a Obra, nos deixou no Arcebispo um surrado livro *Doutrina* de Pai Américo. Durante quinze anos, alguns bem difíceis, contou ele com emoção, foi uma tábuca de salvação onde descobriu sempre uma razão para viver.

Veio o Francisco, encarregado de um grande aviário. Trouxe para o encontro frangos da sua criação. O Otto, com a sua noiva, vai tentar a admissão à Universidade este

ano e é o das relações públicas numa empresa de contabilidade. O Júlio que esteve muitos anos na RDA é especializado em maquinaria têxtil, mas não tem emprego. O Lourenço, serralheiro na cidade, em Dezembro vem trabalhar connosco. O Alguém trabalha como electricista e trouxe a sua noiva. Não apareceu o Alberto ou «Nabo» que está na Universidade, nem o Girassol que esperávamos ver.

Continua na página 3

Moçambique

ENCONTROS

EM LISBOA

O Catarino

CHEGOU até nós vindo dos lados de Peniche. Quando fui ver, fiquei estupefacto, tal era a miséria e a degradação material, social e humana. O rapaz apresentava uma cara e um olhar que a anormalidade geral tinha deformado. Hesitei. Respondia correctamente às minhas perguntas, sempre com os olhos no chão. Tinha doze anos e o relatório escolar sentenciava que em cinco anos de matrícula frequentara a sala de aulas apenas umas vinte vezes.

Guardador de rebanhos, era escorraçado do meio, dada a sua apresentação sempre em desalinho e mal cheirosa.

Apresentado em nossa Casa, logo os outros lhe deram o cognome de «Careca».

A assistente social, antes de mo entregar, achou por bem rapar-lhe o cabelo porque não teve coragem de o trazer como estava. Tive que lhe mandar dar um banho, vesti-lo e calçá-lo antes de o sentar à mesa. Senti-me nos tempos bíblicos, acolhendo os hóspedes com todo o carinho. Durante a refeição fui observando sem nada dizer. Por dentro, doía-me o futuro deste moço.

Um ano se passou... Na escola os progressos são limitados. A integração com os outros é boa. Apresenta-se no falar, no andar e no agir com uma calma e uma descontração como se tivesse toda a eternidade por sua conta. Isso reflecte-se nas obrigações. Tanto faz os outros apressarem-no como não. Mantém o seu ritmo.

Por causa das obrigações tem sido chamado várias vezes a tribunal. A meio do trabalho lembra-se de ir dar uma volta por aqui e por ali e por lá fica tempo infinito. Não dá pelo passar do tempo.

Neste momento, o trabalho dele é a copa. Num destes dias, durante cerca de uma hora, ninguém sabia dele. Averiguou-se que tinha ido conversar com um, brincar com outro, ver o que se passava na vacaria... Fiz cara feia e ralhei com ele. A meio do ralheite perguntei-lhe o que queria ser na vida. A resposta veio rápida, com a sua voz calma e o olhar fixo no meu: «Quero ser um homem de respeito.»

Naturalmente que a minha fleuma parou ali. Deu lugar à meditação. Num instante e, enquanto o olhava, veio-me à memória toda a sua história. O Catarino podia ter dito apenas que queria ser um homem ou então, como é frequente nestes casos, atirar para a frente o nome de uma profissão. Mas não: «Quero ser um homem de respeito.»

Por vezes, sinto que nas preocupações educativas não se encontra muito este conceito de «homem de respeito». Foi substituído por outros: homem de sucesso, homem de dinheiro, homem de influência, homem que está bem na vida, homem de saber, homem de poder... Faltam os ingredientes que fazem o homem de respeito: honestidade, verdade, dignidade, justiça, solidariedade, rectidão...

Presumo que o Catarino não se apercebe ainda de todo o conteúdo da frase que safu da sua boca. Não é isso o mais importante. A semente está lançada no seu coração. Poderá não ser uma árvore frondosa, será a árvore

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

• Regressa à terra que o viu nascer porque a fábrica encerrou a laboração. Um flagelo dos nossos tempos!

Estamos preparados para casos semelhantes, pois esta região é uma grande bolsa de trabalho de locais industrializados da região norte.

Os pais, vivos, não lhe dão guarrida. Mas a irmã dispensa uma fraca dependência.

Tentámos uma solução mais digna... Entre vizinhos, seria um acto de fraternidade. Não é fácil, porém, fazer entender estes problemas candentes.

No entanto, conjugámos esforços para que o homem, doente, tenha na mesa o necessário e trate dos males que o afligem — já que, por natureza, é envergonhado. Compreende-se porquê: não vivia na miséria.

Os novos Pobres! Vítimas dos sobressaltos da economia de mercado.

PARTILHA — Vale de correio da assinante 10978, de Albufeira, para um caso referido nesta coluna. Acrescenta: «Deus permita que enquanto por cá andar (tenho 87 anos) possa contribuir todos os meses com o que for possível». Um capital que irá render tantos juros — ou não fôssemos gente de Fé!

Oportuna oferta da assinante 28053, do Porto. Quatro contos, de Nelas, «fiozinho a juntar ao caudal de generosidade dos vossos Amigos, com todo o meu carinho e amor». Muita delicadeza!

Mais 2.500\$00 de Santa Cruz do Douro (Baião), com a amizade de sempre. A remessa habitual de «Avó de Sintra» — com persistência cristã. Cinco mil, da assinante 38546 e duma anónima, que nos foram entregues em mão — com um sorriso nos lábios. O costume, da «Avó dos cinco netinhos», das terras do Sado, «para uma viúva com filhos auxiliada pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Outro vale, de Rio Maior, para um problema que tentamos resolver. Mais quarenta contos de assinante assíduo, do Fundão, «cheque da mesada de Novembro, valor duplicado (13º mês) em relação ao habitual». Deus vos ajude!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

MAGUSTO — Foi na segunda-feira, à tarde. Deu muito trabalho a prepará-lo. Em compensação, houve uma tarde

RETALHOS DE VIDA

FONTES



Eu chamo-me Luís Filipe Fontes do Espírito Santo. Tenho 10 anos.

Ando na quarta-classe e sou conhecido por Fontes.

Eu e o meu irmão gostamos de cá estar. Estamos bem. O nosso maior amigo é o Nelito.

Desejo ser professor.

Fontes

Pelas CASAS DO GAIATO

divertida, com música, disputas de lançamento de peso e outros jogos. Um dia muito alegre!

MUDANÇAS — Esperamos mudanças nas mesas do refeitório. É a lei das idades...

Estamos curiosos em relação àquela que nos vai calhar, já que os chefes (de mesa) têm muita responsabilidade na serventia das refeições.

VISITANTES — Apesar do mau tempo, continuamos a receber excursões escolares de vários pontos do País. Gente jovem que gosta de nos conhecer. É bom que sintam amor à nossa Obra e ela fique gravada na memória de todos.

ÁFRICA — O nosso Padre Telmo anda muito atarefado no carregamento de contentores para as nossas Casas do Gaiato de Moçambique e Angola. Tudo o que vai leva o nosso abraço para os africanos que sofrem um doloroso calvário — pelas guerras fratricidas. Haja paz!

Paulo Alexandre («Rambo»)

KARATÉ — Foi formada na nossa comunidade de Paço de Sousa, em meados de 1989, a modalidade de Karaté no estilo de Gojo Ryu-Karaté-Do, graças à iniciativa do François, ex-gaiato de Paço de Sousa, que com todo o gosto pela modalidade achou por bem dar aos mais novos um novo estilo de ocupação para os tempos livres.

A modalidade foi bem aceite e inscreveram-se cerca de quarenta rapazes. Contudo, o desporto é sério e isso teve peso nas provas de selecção, estando presentemente formado um grupo de trabalho de bases sólidas e, acima de tudo, praticado com gosto e dedicação.

O acompanhamento e ensino está a cargo do François (5º Kyu) com a supervisão de José Magalhães (1.º Kyu), responsável na zona norte da Jundokan Internacional. Não queremos deixar passar estas poucas linhas sem agradecer o apoio e dedicação prestados pelo mestre Jaime Cerqueira Pereira (5º Dan) responsável máximo em Portugal da Jundokan Internacional, organismo ao qual está ligada a nossa secção.

Como todo o trabalho tem seu preço, este não foge à regra. Por

este facto, a modalidade está um pouco em desvantagem visto termos necessidade de vários artigos, sem os quais a modalidade pouco ou nada pode realizar a 100%. Temos contado com todo o apoio dos responsáveis da Casa do Gaiato, mas achámos que não a devemos sobrecarregar com tudo o que precisamos. Assim, solicitamos aos nossos amigos se dignem ajudar-nos no que puderem, especialmente luvas de protecção, sacos de treino e todo o material de competição pertencente à modalidade.

Tudo o que se dignarem oferecer, agradecemos que seja enviado à: Secção de Karaté, ao c/ de François, Casa do Gaiato, Paço de Sousa, 4560 Penafiel.

Crónista x

TOJAL

OBRAS — A Escola Primária, depois do acabamento por dentro e estando já a funcionar, foi a vez de se arranjar por fora e pintá-la. Quem a conhecia, agora não dirá que é a mesma. Está como nova.

AZEITONA — Já começámos a apanhar da azeitona e parece ser mais um ano de grande colheita, pois as oliveiras estão carregadas e num olival como o nosso haverá muito que apanhar.

PORCOS — O E.T. está contente com os porcos, pois entrou para lá há pouco tempo e uma das porcas já teve 9, mas não ficou com eles todos, morreram 2.

PATOS — Também não ficam atrás. Mais 6 patinhos! Sendo assim, temos patos que dão para dois almoços.

FESTAS — Este ano não pensamos em falar, mas em fazê-las. Todos sabemos que dão muito trabalho, mas sem trabalho nada feito. Por isso, já começámos os preparativos para as Festas do Gaiato. Por volta do Natal, no nosso salão, vamos dar uma que ficará como ensaio.

ROUPARIA — Com muita roupa para coser, principalmente calças, estamos com necessidade de linhas, agulhas e dedais — o que mais falta faz. Outra coisa é um pedal eléctrico, pois as senhoras da rouparia queixam-se das pernas, apesar de serem jovens. Se algum dos nossos leitores tiver o que referimos, à disposição, nós agradecemos.

FUTEBOL — No dia 1 de Novembro foi o dia de recebermos a equipa dos «velhos» gaiatos. Um bom jogo! Muitos deles já não podiam com a barriga! Fixou-se o resultado em 4-2 com mais uma vitória para a nossa equipa.

Luís Miguel Fontes

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

FESTA DE NATAL — A Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte organiza, este ano, uma pequena Festa de Natal dedicada aos filhos e netos dos associados, que pretende seja alargada a todos quantos, ainda que mesmo não associados, pertençam à grande Família dos Gaiatos.

Visa a Associação, com este singelo acto, criar as condições mais favoráveis ao encontro e convívio da nossa já numerosa Família, deste modo dando aos seus descendentes a oportunidade de melhor se conhecerem e partilharem o grande privilégio que constitui ser Gaiato.

O convívio vai realizar-se na sede da Associação — Lar do Gaiato do Porto, na Rua D. João IV, 682 — com início às 15 horas do dia 15 de Dezembro (Domingo), com um programa aliciente para os pequenos (filhos e netos, até à idade dos 10 anos). Haverá festa, briquedos e uma pequena merenda.

Se tencionas vir à Festa e para que tenhamos ideia dos pequeninos que vão estar presentes, solicitamos que nos envies a relação dos filhos ou netos a inscrever com os respectivos nomes e idades. Manda a tua inscrição, o mais tardar até ao dia 3 de Dezembro.

Ainda que dirigida a associados, se conheceres algum antigo gaiato que não esteja inscrito mas queira participar com os seus familiares, não hesites: convidá-lo! Dá-nos nota do convite ou pede-lhe que nos contacte.

Não faltes! Traz os teus! Vai ser uma Festa para recordar!

Fernando Marques

Cooperativa de Habitação

Aproxima-se uma data em que, normalmente, se agitam grande parte dos lares de todo o mundo. É a festa do Natal. É a festa da família.

Existe, no entanto, a outra parte de lares onde não há Natal nem famílias. Enquanto na noite de consoada a mesa dos primeiros está cheia de boa comida, guloseimas e bons vinhos, a dos segundos, se é que têm, está vazia.

Nesta altura do ano o problema da habitação devia agitar mais a sensibilidade em favor daqueles que, por dificuldades financeiras, não têm um telhado que os abrigue. São noites muito frias e chuvosas. São noites de grande sofrimento sem o aconchego dum lar.

Pouco ou nada tem adiantado ouvirmos constantemente da

boca dos políticos, ou em plena Assembleia da República, que o problema da habitação é grave.

Não será o problema número um a nível nacional com carácter de urgente? Não será a partir de uma habitação digna que os outros problemas mais facilmente se resolverão?

Na nossa modesta opinião, julgamos que sim. O aproveitamento escolar, a melhoria da saúde, a baixa da criminalidade e outros problemas que tanto afligem a nossa sociedade, beneficiariam muito se cada um de nós tivesse uma habitação digna.

OFERTAS — Carta da assinante n.º 35666, de Lisboa: «Um abraço desta vossa amiga, com votos de que as vossas casas sejam, em breve, uma realidade. Faz-me sofrer muito, sobretudo no Inverno, no aconchego do meu lar, saber que há tantas famílias sem casas, habitando sem um mínimo de conforto em barracas. Não podemos solucionar o problema de todos, mas dá-me uma grande alegria ver que já estão erguendo as vossas habitações. Não é muito o que mando, mas, creiam, é com muito amor. Confie em Deus e não percam nunca a fé, que, como dizemos, a fé move montanhas, é a nossa grande força. Umá assinante que gosta muito dos Gaiatos». Maria Elisa, de Paço Arcos, 20.000\$00: «É sempre com muita emoção que leio o nosso Famoso numa ponta a outra. Ao tomar conhecimento da Cooperativa de Habitação pensei em ajudá-la, mas só hoje me dispus a concretizar o meu desejo. Que Deus vos ajude a conseguir a vossa própria habitação».

Lúcia, de Fiães, 40.000\$00; Anónima, da Covilhã, 17.500\$00; Virgínia, de Lisboa, 5.000\$00; António Simões, de Oeiras, 50.000\$00 em acção de graças pelo 80º aniversário de sua esposa; A. Santana, de Ílhavo, 3.000\$00.

Terminamos com uma carta de Matilde, do Porto: «Junto 3.000\$00 para ajudar a Cooperativa de Habitação. Não chega para grande coisa, mas talvez dê uma dúzia de telhas? Não faço a mínima ideia de quanto custa uma! É de muito boa vontade, acreditem. Felicidades para a vossa Cooperativa e também para quem nela trabalha. Não esmoreçam porque o dinheiro há-de aparecer sempre. Pai Américo dizia isso. A fé é que nos move».

Campanha do selo usado — Tem sido um êxito! O Manel «Côco» radiante com a correspondência e selos usados que tem recebido. São dele estas palavras: «A campanha é uma realidade que, se Deus quiser, irá muito longe. Seguem cartas, algumas anónimas, mas cheias de amor e carinho para com os nossos irmãos gaiatos. Só posso dar graças a Deus pela prontidão dos leitores que respondem ao nosso desafio».

Será interessante mencionar as localidades que marcaram presença, dada a sua diversidade. Começamos com uma carta de Braga: «Sou a assinante 32733, há bastantes anos, do Famoso, Jornal pequenino, mas que muito bem faz a sua leitura!... Oxalá muitos e muitos o lessem! No último número, vi que o Manel Côco teve a feliz ideia de lançar uma campanha de selos usados para a Cooperativa de Habitação. Feliz ideia e nela quero colaborar».

Alice, de Lisboa: «Li que aceitam selos usados para angariar fundos para a Cooperativa de Habitação. Assim, desejando contribuir, envio incluso alguns selos».

Outros amigos que corresponderam: M. Moreira, de Matosinhos; A. Machado, de Almada; M. Ramos, de Algés; J. Correia, de Monção; anónimo de Lagos; A. Matias, de Caldas da Rainha; José e esposa, de Santarém.

Em nome do Manuel dos Santos e da Cooperativa, os nossos agradecimentos. Que Deus vos pague.

Carlos Gonçalves

MAPUTO MOÇAMBIQUE

CONFRATERNIZAÇÃO — Dezasseis anos depois, dezena e meia de antigos gaiatos juntaram-se para matar saudades num encontro de confraternização, respondendo ao convite endereçado pelo antigo padre da Casa do Gaiato de Moçambique, de regresso ao país.

A concentração deu-se por volta das 9 horas de domingo, dia 3 de Novembro, em frente do Arcebispo-pado. Quinze minutos depois, rumaram em direcção às proximidades dos Pequenos Libombos, que dista cerca de 30 quilómetros da capital, onde será erguida a futura Casa do Gaiato.

Posteriormente, foram precisos mais cinco minutos de viagem para chegar ao sítio onde, depois de reabilitado, funcionará provisoriamente a Casa do Gaiato, ao mesmo tempo que decorrerão as obras de construção dos seus edifícios, conforme as explicações recebidas durante o passeio de dois quilómetros de percurso no interior do terreno de 1500 hectares, propriedade da Casa do Gaiato.

Perto das 12.00 horas realizou-se o almoço que decorreu num clima de alegria e muita conversa amiga à mistura.

Mais tarde, depois de folhearem álbuns antigos, os gaiatos visitaram a barragem dos Pequenos Libombos e pousaram para a posteridade. Mas, antes, foram distribuídas peças de vestuário e calçado lembrando o bom costume da Casa.

Muito perto das 17.00 horas os gaiatos despediram-se do Padre José Maria que, de regresso a Moçambique, se faz acompanhar do Jaime, antigo gaiato neste país, que a ele esteve sempre ligado; de uma irmã brasileira e do Luizinho, de 9 anos, primeiro gaiato da nova Casa.

Mas, antes da despedida, todos manifestaram a sua predisposição em colaborar naquilo que for preciso para o bem da Casa, marcando-se novo encontro para o Natal. Esperamos que, nessa altura, o número de presentes duplique, já que mais de metade dos antigos gaiatos — que se sabe estarem ainda em Moçambique — não puderam comparecer por vários motivos.

Otto

Moçambique

Continuação da página 1

No Domingo seguinte fomos ao encontro de um bom número de antigos trabalhadores de nossa Casa. Com que emoção nos receberam! Ali encontramos o Batata, que foi capitão no Exército, perdeu uma vista em combate e trocou as armas pela rede de pesca em Marracuene. Veio connosco e está a dormir na fazenda.

Encontrámos o João Camisa, nosso antigo cozinheiro, que tendo no seu currículo lugares mais importantes, vive calmamente lavando roupa. Há um que anda desencaminhado, outro que morreu na guerra. Dos que deixei mais pequeninos, embora a curta distância, na Naamacha, não podemos lá chegar. Perdoem-me este dar notícias de cada um. Cada um foi meu e como pai me sentiria feliz por apertar ao coração quantos me foram tirados.

A reunião foi mesmo nas ruínas da fazenda onde vamos levantar um mundo novo para os «sozinhos» do Maputo. Digo «sozinhos», porque nos encontramos que temos mantido, a Irmã Quitéria e eu, com crianças da rua, muitas andam apenas a tentar ajuda para a fome, recorrendo à esmola ou a pequenos serviços como guardar carros, carregar compras.

Se encontrássemos uma gruta...

A pouco e pouco vamos mais fundo, sabendo onde moram grupos auto-suficientes na sua miséria, sujeira e fome. A seu tempo, e não vai tardar, pedimos a Deus, daremos notícia.

A nossa angústia em procurar uma casa que, mesmo provisoriamente, sirva de abrigo, ainda não teve êxito.

Cantinho da Família

Continuação da página 1

ção, por exemplo, deve ter lugar o investimento prioritário. Os filhos que nos batem à porta vêm de lares desfeitos ou que nunca chegaram a existir. Muitos vêm imediatamente da rua. Integraram-se o Carlos e o Jorge com naturalidade desde o primeiro dia. Ainda não os ouvi falar da mãe nem de qualquer outro familiar. Estão no que é seu e prenderam-se.

Padre Manuel António

A construção do primeiro módulo da Creche na Massaca 1 vai subindo. As paredes estão com dois metros. É difícil encontrar portas e janelas. Há quem faça, mas sem madeira ou ferro ninguém pode. Os planos de ter um abrigo nosso no Natal estão por terra. Não é que estejamos mal alojados, mas fica muito caro o aluguer. Se encontrássemos uma gruta... Já corremos todas as casas de Boane e nada!

Trazemos tantos anseios no coração e a razão de todos é começar a receber alguns rapazes. O primeiro está escolhido. Chama-se Castigo. Pai e mãe morreram com uma bomba. Ele dorme na escada do cinema Scala com mais meia dúzia. São muitos na cidade. Enamorados deles, temos andado num namoro de conquista, lento, saboroso e promissor. Que Deus ilumine os responsáveis do diálogo para a Paz. Que ela venha neste Natal.

Tem sido trabalho de quase todos os dias apresentar projectos e orçamentos para o que pretendemos fazer, mas não chegou a hora de dar boas novas; a que temos, e essa nos consola, é que quase tudo o que estamos fazendo até hoje representa o carinho, o sacrifício, a amizade e confiança que os leitores d'O GAIATO depositam em nós. Por toda a ajuda, todo o estímulo que nos tem chegado, damos graças a Deus, de coração em festa.

Padre José Maria

A violência gera insensibilidade

Quanto sofrimento no rosto deste povo! Todos indiferentes a tudo! Já não são capazes de perceber a criança caída no chão, por causa da fome; o vizinho que morreu vítima de ataques; a vizinha que, por falta de cuidados médicos, perdeu o terceiro filho; as crianças que gritam chorando: «Papai quero pão»; o homem que não tem forças para o trabalho; o professor que durante um ano não recebe. Mas a força do amor há-de transformar. A alegria é grande quando alguém lhes transmite esperança, coragem.

Depois de dois meses de busca, finalmente encontramos o sr. João que é oleiro e vive a fazer carvão nas montanhas; o sr. Rafael que é sapateiro, e, no momento, põe produtos químicos nos citrinos do patrão; o sr. Armando que faz blocos de cimento, anda quilómetros à procura de lenha para vender; o sr. Filipe que é carpin-

teiro, está preparando sua machamba; o Marcos que é pedreiro e, agora, procura emprego; a D. Helena que sabe costurar, mas não tem máquina. Ouvimos com paciência a história de cada um. Há muito tempo que eles fazem apenas uma refeição por dia. E muitos nem uma sequer. Vamos fazer com que eles possam desenvolver as suas habilidades. Somos pobres e com os Pobres queremos fazer o que muitas vezes Pai Américo fez: oferecer condições para que vivam melhor.

Somos tão poucos, queremos fazer tanto! Que o Senhor da Messe envie muitos e bons operários para a Sua Messe.

Os Pobres criam esperança e razões novas para viver

No dia 6 de Novembro, 150 crianças da Aldeia Massaca 1 receberam um par de sapatos, doados à Obra da Rua pela Unicef. Foi lindo observar o comportamento daquelas crianças. Uns gritavam papatos; outros choravam, pois nunca tinham calçado os pés. Na alegria de todos estávamos nós a ver aqueles pequeninos saírem quase sem conseguir andar, olhando os seus lindos sapatos.

Contamos também com três grupos de senhoras: um a fazer croché, outro a fazer tapetes e um outro a fazer peneiras. Os meninos fazem cestos, sentados no chão com as mãos a trabalhar. É um povo sofrido que busca dias melhores.

Os homens querem também o seu espaço. Lá está a fábrica de blocos. Há uma semana que trabalham e começam a sentir os frutos. A sapataria está a ser construída e os outros — carpinteiros, oleiro, pedreiro — estão a preparar o terreno. Os nossos irmãos da Cáritas — USCC — têm apoiado o desenvolvimento deste trabalho.

Sinto-me feliz! No meio de tudo são os Pobres que, dentro da nossa pobreza, criam esperança e razões novas para viver.

Hoje é dia de fazer compras. Mais um dia de alegria e tristeza. Alegria por encontrar as crianças na rua a fazer perguntas. Querem saber tudo a nosso respeito. Querem visitar-nos. Ficar connosco. Mas, infelizmente, não é chegada a hora. Sinto-me alegre por as encontrar com vida. Maltratados, às vezes surrados, mas vivos. Triste por deixá-los ainda na rua. A força dos pequenos é sempre a força de Deus. Destes e tantos outros que é impossível citar nomes.

Quitéria Torres
(Brasileira)

Doação total aos irmãos

Os muros apertam o coração mesmo antes de taparem as casas e cercarem os quintais. Numa cidade europeia um alto muro escondeu uma linda igreja e santos varões; igualmente, noutra, a esconder (e a guardar?) boas irmãs.

Que muros esconderam as refeições, a oração e o próprio sono do Senhor? Até a sua nudez se projectou na colina do Calvário!

Medo? As casas do Povo de Deus (tão frágeis nesta África!) também não têm muros...

Que diremos das nossas comodidades e supérfluo entre irmãos nossos que passam fome e não têm o mínimo indispensável para viverem?

Evangelizar implica despojamento. Partir não é ir de avião, mas o sair de nós mesmos numa doação total aos irmãos. Ir, verdadeiramente, ao encontro da sua fome de Deus e de pão.

A nossa instalação no «deserto», em vez da caminhada ao lado do Povo, não será uma das causas do espalhar e multiplicar de seitas?

«Que farias Tu, Senhor?» Muitas vezes me pergunto — ficando angustiado e confuso.

Que sentido damos ao «vem e segue-Me»? Como

PARTILHANDO

entendemos: «As aves do céu têm os seus ninhos»? E: «Não leveis bordão. Comei do que vos derem?»

A um homem da minha aldeia, que tinha o jornal ao contrário, alguém perguntou: «Que notícias dá, hoje, ti Manel?» «Está tudo bem... Tudo bem.» — respondeu.

Será que o nosso Evangelho deu uma volta e não demos por ela?!

Atender o Povo; destruir os muros

Consta que o D. Hélder da Câmara, quando foi para o Recife, abriu os portões do Palácio para que o Povo entrasse à vontade. Milhares de passos reduziram a terra os belos jardins. O importante para ele foi o atender o Povo. Para tal, destruiu os muros.

Claro que nós somos esportos no encontrar razões para a conservação dos ditos.

Com que facilidade nos apaixonamos por casas de formação e noviciados, esquecendo, quase, os Pobres, os velhos e os doentes...

Preocupados com a criação de elites, aninhamo-nos em

oásis, enquanto o nosso Povo continua caminhando pelas dunas sem poços.

Em que prateleira colocará o Senhor estas nossas esperanças?

A tentação de nos instalarmos!

A Massaca 1 tem oito mil habitantes. As seitas chegaram antes de nós... O Evangelho elogia-as: «Os filhos das trevas...» Tantas vezes chegamos um pouco tarde...!

A face verdadeira do Senhor sofre quando nos tornamos semelhantes a bicicletas suspensas. Estas não «andam terreno», as rodas deslizam no vento.

Assim somos ao perdermos de vista aquela verdadeira face, fazendo círculos apertados de volta das nossas casas, instituições e de nós próprios.

«Vem e segue-Me»...

E nós fomos.

Que o Senhor nos livre da tentação de nos instalarmos no meio das mil razões para o nosso bem próprio.

Padre Telmo

Autoconstrução

Não esperemos que os naufragos morram se pudermos salvar alguns...

Era já ao anoitecer quando o pai e filha, casada, vieram por aí fora, com uma carta do pároco a pedir ajuda para a casa que andam a construir. Bem quisera que poupassem as passadas gastas com a distância e mandassem a carta pelo correio. Dias antes, de muito mais longe, chegou igual pedido e foi atendido na volta.

O marido não acompanhou a esposa porque não tinha chegado do trabalho. Veio o pai. Há quatro anos compraram o terreno. Foram esperando a hora de começar a construir. O dinheiro dos Pobres, que o são de verdade, assemelha-se às migalhas que vão caindo da mesa do trabalho diário e das mãos estendidas a semear o bem. Por isso a construção da casa é adubada com a paciência e perseverança que produzem muito amor ao lar. O alicerce é cimentado com o sacrifício e o suor de quem não tem outro capital seguro se não a vontade firme de realizar um dos sonhos mais queridos da vida: Ter uma casa para viver dignamente.

Marcámos a hora do encontro. Se os Pobres precisam da nossa ajuda, nós muito mais da deles. Quando os acompanhamos,

mais seguros estamos no caminho a percorrer. Lá no alto da freguesia, onde os pinheiros fazem o cenário de fundo, pedaços de vida levantaram as paredes, as divisões e colocaram o telhado, ao longo de quatro anos. É preciso, agora, mais sangue. Vamos dar-lho do que nos chega para que vá até ao fim. É mais um problema resolvido. Podem dizer que, por este caminho, continuamos na mesma; que não se dá solução à causa gravíssima da falta de habitação. Não podemos esperar que os naufragos morram, se podemos salvar alguns. E seriam salvos muitos mais se todos acreditassem na força da mão que se dá. E não têm conta os redimidos da incapacidade de, sozinhos, terem a sua casa.

Quem pode medir o bem que uma comunidade faz quando se dão as mãos!? É um trabalho lento, sem prazo definido. Interessa, sim, acreditar na sementeira de quem a faz por amor. A colheita tem a sua hora; que pode não ser a nossa mas de outros. Importa semear na educação da sensibilidade social bem imbuída do espírito de Justiça e Caridade.

O problema da habitação é de âmbito nacional. Quando, porém, é assumido a nível de comunidade e cada uma faz o que pode e deve está dado um passo importantíssimo para a sua solução.

Padre Manuel António

O Direito das Famílias

A nível ministerial não há um pelouro que trate da Família...!

Há pouco mais de um ano, justamente no dia do aniversário natalício de Pai Américo, li num jornal diário notícia da intervenção do então Secretário de Estado do Emprego na Conferência da União Internacional das Organizações Familiares, a decorrer em Moscovo, sobre o tema: *Política Familiar Global e Direito das Famílias no presente e no futuro*.

Ali anunciou que, até ao fim do ano (1990), seriam criados em Portugal dois organismos dedicados à Família: A *Comissão Internacional da Família*, para «articulação e compatibilização dos aspectos sectoriais das diferentes políticas relacionadas com a família»; e o *Conselho Consultivo dos Assuntos da Família*, para «promover a participação institucionalizada das Associações representativas das famílias na preparação e formação das grandes linhas de política familiar». E mais: «Que estava prevista a nomeação de um representante das Associações de Família no *Conselho Económico e Social* a criar também próximamente».

Não sei se todos estes organismos foram criados; mas a verdade é que se não sentem ainda (vai lá um ano!) os efeitos deles a sanear e a fortalecer o tecido social do nosso povo. Também não sei a força que terá a sua voz, muito dependente do tronco maior a que estiverem presos este ramitos. De Comissões e Conselhos está o mundo cheio e não se vêem grandes frutos delas e deles. O mal é que não temos a nível de Ministério ou, ao menos, de Secretaria de Estado (como já aconteceu fugazmente) um pelouro que trate da Família e a defenda e a imponha com voz grossa que não possa passar despercebida nem ficar desatendida — aliás, de acordo com a óptica do então Secretário de Estado do Emprego que, na citada reunião internacional em Moscovo, afirmou: «Os poderes públicos devem reconhecer a Família como elemento fundamental da Sociedade e espaço natural de realização humana da pessoa e de solidariedade entre gerações». Por isso, «a política familiar deve criar condições: que reforcem o carácter global e integrado das várias políticas sectoriais e redistributivas com incidência na família; que protejam a maternidade e a paternidade como valores humanos e sociais; que fortaleçam o associativismo familiar e reforcem a voz das

famílias na vida social, económica e cultural».

Programas a desenvolver não faltam. Falta quem os desenvolva com determinação e autoridade.

O pensamento está. Programas a desenvolver não faltam. Falta quem os desenvolva com determinação e autoridade. Os Conselhos reflectem e dão conselhos. As Comissões estudam e apresentam relatórios. As Altas Instâncias recebem-nos e guardam-nos. Não passamos do mesmo ser!

Não seria assim com um Ministério próprio, que o ministro não se resignaria ao ofício de corpo presente! Ele queria apresentar trabalho. Estimularia as Comissões e os Conselhos dele dependentes a uma colaboração que se sabia não ser para a gaveta. Ele é que seria a voz da Comissão Intermínisterial, falando de igual para igual com os seus colegas. Ele estimaria uma Família vigorosa e participativa na vida social, que trouxesse problemas e achegas para os resolver. Porquê os assuntos específicos da Juventude não serem tratados no seu ministério, porventura por uma Secretaria de

Estado própria? Pois não é a Juventude um ramo que brota do tronco principal que é a Família e cresce enquanto inserido nela? Não é ela — repito com palavras já citadas — «o espaço natural de realização humana da pessoa e de solidariedade entre gerações»? Se a Juventude é parte e a Família, todo — porque tem aquela merecido mais atenções do que esta? Pois uma «política familiar global» — como diz o tema da Conferência Internacional de Moscovo — não englobaria os problemas da Juventude? Ou será preciso esperar pelo *Ano Internacional da Família*, proclamado pelas Nações Unidas para 1994, para se tomar consciência e «incrementar a consciencialização geral dos problemas familiares e de aumentar a capacidade e disponibilidade para a realização de políticas globais destinadas à superação dos problemas familiares mais graves»?

Foi uma desilusão não ter ainda acontecido desta vez um Ministério de Família. Pois com Comissões e Conselhos e apenas uma Direcção-Geral da Família — ligada nem sei a que ministério onde, decerto, outros interesses falam mais alto — a voz da Família cinge-se a um sumido eco; e não arrancam as necessárias «políticas globais» destinadas a assegurar «o Direito das Famílias no presente e no futuro».

Padre Carlos

SETÚBAL

É vital o problema da habitação

O GAIATO tem clamado por obras e palavras que o problema da habitação, entre nós, é vital. Os seus brados nunca foram ouvidos por quem poderia e deveria encarar-lo. Em vez de o defrontar, o Governo foge dele, inventa panaceias burocráticas, institutos e quejandas criações que absorvem

o orçamento, se prestam às mais incríveis burlas, patenteando uma ineficácia conflagradora.

Mais grave ainda é que através da sua Caixa Geral de Depósitos chupa o sangue às famílias mais pobres imputando-lhes juros insuportáveis e altamente rendosos para a referida banca.

Eu não percebo muito de economia, mas entendo quando nos estão a ajudar ou a explorar.

Esperava que o novo Governo, já com capacidade e legitimidade bastante, se voltasse para as chamadas classes mais pobres e as ajudasse a adquirir a sua casinha. Mas nada!... Isto causa-me uma frustração e uma profunda desilusão.

Será que o governo de uma casa ou de uma nação se resume somente em arranjar dinheiro e em gastá-lo em realizações vistosas! Às vezes penso que para certos cargos públicos deveriam ser indigeadas mães de família. daquelas que sofreram na carne a fecundidade e as agruras de quem se não desliga dos seus compromissos. daquelas que sabem pôr a mesa com toalha e com flores e não atulham somente as travessas e as terrinas.

Fazer evoluir uma sociedade depende de muitos factores, eu sei; e alguns são mais fundamentais que outros. A educação, a saúde e a paz. Mas sem casa nada se pode fazer. Tudo é inútil. Ninguém me venha falar de progresso. Sem casas todo o progresso é aparente e o retrocesso dos valores humanos torna-se cada vez mais evidente e mais caro às instâncias públicas.

A qualidade de vida pode crescer mas não para os sem casa

Ninguém me venha falar do desenvolvimento, da qualidade de vida. Ninguém. A qualidade de vida pode crescer — mas não para os sem casa.

Temos cá um pequenino, de quatro anos, grande admirador de certa personalidade política. Criámo-lo desde os

A família grande escola da educação dos filhos

Era quase ao fim do dia quando aquele pai me telefonou a pedir mais uma vez para aceitar dois filhos em nossa Casa. O mais velho esteve connosco uns anos e tem sido bom, mas estes dois mais novos são um quebracabeças dos familiares.

Há muito que este pai vem a pedir para os recebermos. Não temos tido disponibilidade e tem-nos parecido sempre que o ambiente familiar é a grande escola de educação dos filhos.

Agora, ao ouvir os desaíchos deste pai, fiquei também amargurado com as suas amarguras. Está a desanimar e a convencer-se que não é capaz de fazer nada deles. Um tem treze e o outro doze anos. Sempre na rua e

5 meses. A sua debilidade e o seu reduzido tempo de vida tornaram-no o mais querido de todos. Por este e por outros sabemos melhor o que é ter filhos.

Quando começou a pré-campanha eleitoral ele viu o seu ídolo num grande cartaz às portas da cidade quando me acompanhava na nossa camioneta e gritou espontaneamente: — Olha fulano!... E atirou-me repentinamente esta resposta: — Está-se a rir sozinho.

Deus queira que a resposta infantil do Jaime não se torne uma profecia. Que a ilusão do propalado progresso, como figura doirada de pés de barro, se não venha a estatelar e desfazer. Os pés da figura são a base de toda a magnificência. Sem casas para todos os portugueses não há progresso. E o ídolo do Jaime é mesmo capaz de se ficar a rir sozinho.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Eu que escrevo e tu que me lês...

em vida de aventuras. «A mãe faleceu, há dias, e para eles foi uma festa. Não estudam e não tomam nada a sério. Eu trabalho na fábrica de manhã à noite e eles andam sempre por lá. Veja se os pode aceitar, que eu já não sou capaz.»

Também me queixei. Disse do mau resultado do ano escolar dos nossos estudantes. Disse das fugas dos nossos na crise de adolescência. Disse dos roubos que nos têm feito. Disse da falta de ambiente de responsabilidade que se nota nesta Casa. Disse que me parecia que eles estariam muito melhor com o pai e os irmãos e nós poderíamos ajudar com uma quota mensal. Acabou por me dizer que ficava à espera do meu sim.

Fiquei triste com a nossa incapacidade. Não quero perder a esperança. Não quero cansar-me desta vida. Não quero dizer mal desta juventude. Não quero cruzar os braços. Mas os costumes sociais não ajudam. A falta de autoridade. A falta de responsabilidade. A falta de amor ao trabalho. A vida fácil. A pouca exigência da vida. A abundância de dinheiro. E outras coisas mais. São muitos os sinais negativos no processo de educação destes homens de amanhã. Fiquei a pensar nas voltas a dar para podermos receber mais estes dois.

Estava a deitar-me quando apareceu um a pedir dinheiro para material escolar do curso superior que frequenta. Já me tinha prevenido que o material para aquele curso era muito caro. Hoje fiquei mais assustado.

Ainda há dias lhe entreguei quarenta contos e hoje veio dizer que precisará de mais sessenta. Olhei-o com serenidade e disse que iria procurar o dinheiro, pois esta semana é de venda d'O GAIATO — a nossa grande fonte de receita.

Este nosso rapaz veio, pequenito, do Ultramar. A mãe ficou lá com alguns dos irmãos. Hoje, disse que gostava muito de saber da mãe, pois nunca mais soube nada dela. Tem escrito muitas vezes, mas sem resposta. Tem muitas saudades do seu novo país e da sua gente. Renovei a promessa de que continuaríamos a ajudá-lo. Que nunca desanime. Que nunca se sinta só. Que pense sempre que faz parte de uma grande família que somos todos nós.

Eu que escrevo e tu que me lês, que bom que ele também sintia isto mesmo.

Padre Horácio

ENCONTROS

EM LISBOA

Continuação da página 1

possível. Por minha parte, estou recompensado pelos trabalhos havidos até este momento. Deixemos crescer, amparemos. A seu tempo, se Deus quiser, se colherão os frutos.

Bênção da nova Capela da Casa do Gaiato de Lisboa

Depois de muito trabalho e da partilha dos nossos Amigos, podemos anunciar o feliz acontecimento: no dia 4 de Janeiro de 1992, às 15 horas, o Senhor D. José Policarpo virá presidir à bênção da nossa Capela. Nesse dia a Casa do Gaiato de Lisboa fará 44 anos. A inauguração da nossa Capela é como uma segunda fundação.

No próximo número daremos informações mais detalhadas. Desde já convidamos todos os nossos Amigos a estarem connosco nesse dia grande para a nossa comunidade.

Padre Manuel Cristóvão

P.S. — Vivendo nos tempos da informática, não podemos deixar passar o comboio sem, pelo menos, tentarmos também subir. Hoje gostaríamos de agradecer à Hoechst Portuguesa o facto de ter disponibilizado um monitor que, durante alguns dias, deu aos nossos rapazes do 9º e 10º ano um curso de introdução aos computadores. Pela mesma altura, a Basf Portuguesa L.da ofereceu-nos um computador Shine 88, um monitor Shine e um MGP card. As duas empresas o nosso muito obrigado.

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239